

<https://doi.org/10.35520/diadorim.2009.v6n0a3901>

*Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Por Academia Brasileira de Letras. Apresentação de Cícero Sandroni. São Paulo: Global, 2009. xcvi + 877pp. ISBN 978-85-260-1363-6 (Encadernado). Reais 120,00.*

por *Maria Carlota ROSA* (UFRJ)

### **Descrição da obra**

A quinta edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (doravante VOLP), lançada pela Academia Brasileira de Letras (ABL), em 19 de março de 2009, no Rio de Janeiro, apresenta a grafia oficial para 349.737 entradas do Português – agora não só do Brasil. A nova edição tem como maior novidade adequar-se à ortografia proposta pelo Acordo Ortográfico (doravante AO) em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

A edição apresenta 98 páginas preliminares. Cerca de dois terços delas (p. [I]-LVI) tratam das bases legais do Acordo e da 5ª edição: (a) o *Sumário* (p. [VIII-IX]); (b) *Apresentação da 5ª edição*, pelo Presidente da ABL, Cícero Sandroni (p. [XI]); (c) o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 e seus dois Anexos* (p. [XIII]-XLIII); (d) o *Decreto nº 6.583/2008*, que promulgou o Acordo e determinou sua vigência a partir de 1º de janeiro de 2009 (p. [XLV]); (e) o *Decreto 6.584/2008*, que promulgou o Protocolo Modificativo de 1998 (p. [XLVII]); (f) o *Protocolo Modificativo de 1998* (p. XLVIII); (g) o *Decreto 6.585/2008*, sobre o Segundo Protocolo Modificativo (p. [XLIX]); (h) o *Segundo Protocolo Modificativo*, de 2004 (p. L); (i) *Nota Explicativa*, assinada por Eduardo Portella, Alfredo Bosi e Evanildo Bechara, sobre os procedimentos para a elaboração da 5ª edição (p. [LI]-LIII); e, ainda, (j) *Nota editorial da 5ª edição* (p. [LV]-LVI).

Em seguida, o volume dá ao leitor a memória das edições anteriores: (a) *Apresentação da 4ª edição* (2004), por Alberto da Costa e Silva (p. [LVII]); (b) *Nota editorial da 4ª edição* (p. [LXIX]-LXII); (c) *Apresentação da 3ª edição* (1999), por Arnaldo Niskier (p. [LXIII]-LXIV); (d) *Relatório da Comissão Acadêmica do Vocabulário*, formada por Pedro Calmon, Barbosa Lima Sobrinho, Abgar Renault e Antônio Houaiss, ao Presidente da ABL, datado de dezembro de 1977 (p. [LXV]-LXIX); (f) o *Formulário Ortográfico* de 1943 (p. [LXXI]-LXXXIV); (g) a *Lei 5.765/1971* (p. [LXXXV]); (h) reprodução parcial de texto de Arnaldo Niskier para a edição de 2003, sob o título *A Língua Portuguesa no século XXI* (p. [LXXXVII]-XC); (i) *Apresentação da 2ª edição* (1998), por Arnaldo Niskier (p. [XCI]-XCII); (j) *Apresentação da 1ª edição* (1981), por Austregésilo de Athayde (p. [XCIII]; e, ainda, (k) Introdução do *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, edição de 1943 (p. [XCV]-XCVI).

Encerra essas páginas preliminares a lista de reduções empregadas na obra (p. [XCVII]-XCVIII).

O vocabulário ortográfico propriamente dito tem início na p. [3] e termina na p. 859. Cada página tem cinco colunas, cada uma com 91 entradas em média, acompanhada cada entrada de sua classificação gramatical. Além da informação gramatical, informações sobre a pronúncia correta são indicadas entre parênteses, em alfabeto comum, como exemplificado em (1) a seguir, embora de forma assistemática, como evidenciado em (2).

## (1)

**adlegação** (*ad-le*) s.m.

**áqueo** (*ü*) adj.

**bachiano** (*qu*) adj.

**gneisse** (*gnai*) s.m.

**heroico** (*ó*) adj.

**ohm** (*ome*) s.m.

**zoo** (*ô*) s.m.

## (2)

**adlecto** s.m.

**boiz** s.f

**bjarebyita** s.f.

**buchhólzia** s.f.

**lablab** s.m.

**newiédia** s.f.**nicholsônia** s.f.**njango** s.m.**szmikita** s.f.

Da p. 861 até a 864, também organizadas em cinco colunas por páginas, listam-se, em itálico, palavras estrangeiras, grafadas como o seriam na língua de origem “embora os substantivos alemães estejam representados com inicial minúscula”, ou, no caso de línguas que não empregam o alfabeto latino, transliteradas para este alfabeto. Para as palavras estrangeiras, não há indicação de pronúncia. Cabe notar que parte dessas palavras já tem adaptação corrente à grafia do Português, como ilustrado em (3.a.), ou sequer são sentidas como empréstimos gráficos, casos que (3.b) exemplifica.

(3)

(a)

*cashmere* s.m. ing.*bikini* s.m. ing*chic* adj. 2g. s.m. fr.*ciao* interj. it.*club* s.m. ing.*dossier* s.m. fr*pincenez* s.m. fr*shampoo* s.m. ing.*turf* s.m. ing*yatch* s.m. ing

(b)

*boiler* s.m. ing.*conduíte* s.m. fr.*chester* s.m. ing*coloratura* adj. s2g. it*modem* s.m. 2n ing.*overdose* s.f. ing.*ravióli<sup>1</sup>* s.m. it.*van* s.f. ing<sup>1</sup> Sic.

*vitrine* s.f. fr

De qualquer modo, não se tem clareza do critério que levou à escolha dos itens para essa lista, como (4) ilustra. Por que *cab*, uma vez que outro empréstimo do inglês, *táxi*, tem uso corrente com grafia segundo as regras do Português? Por que *coxsackie*, mas não *epstein-barr*, por exemplo, outro antropônimo (ou combinação de dois antropônimos) que nomeia um vírus? Por que a sigla para a direção de um sistema prisional de um país que não mais existe?

(4)

*cab* s.m. ing.

*coxsackie* s.m. ing.

*girl* s.f. ing (há muito substituído por *estrela*, *corista*...)

*gulag* s.m. rus

Mas há um sentido que fará serem arbitrárias quaisquer palavras nessa lista: por que razão o VOLP deveria tratar da escrita correta de palavras em alemão, inglês, italiano, francês, espanhol, hebraico, ou que outras línguas quiserem? Por que razão, em um texto em Português, essas palavras, em especial, deveriam ser escritas em alemão, inglês, italiano, francês, espanhol, hebraico, ou que outras línguas quiserem? A atenção dirigida a como simular conhecimento de diversas línguas faz com que a obra deixe de lado aspectos relevantes para quem escreve em Português. Já que se trata de um vocabulário ortográfico e, como todas as palavras na obra têm inicial minúscula, resta a dúvida: <gulag> ou <Gulag>? Ou <GULAG>, já que em algum momento era uma sigla? Vírus <coxsackie> ou <Coxsackie>?

As *Reduções mais correntes* recebem uma breve introdução (p. 865) e são apresentadas em seguida, acompanhadas da forma expandida (p. 866-877). Embora a nota que abre essa seção: (a) introduza a distinção

---

<sup>2</sup> Para termômetro das discussões desde 2008:

[http://revistaautor.com/index.php?option=com\\_content&task=view&id=217&Itemid=75](http://revistaautor.com/index.php?option=com_content&task=view&id=217&Itemid=75)

<http://cmdefesadalinguaportuguesa.blogspot.com/2008/07/antnio-emiliano-as-contas-e-os-nmeros.html>

<http://g1.globo.com/bomdiabrasil/0,,MUL1080763-16020,00.html>

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u550834.shtml>

<http://search.folha.com.br/search?q=reforma+ortogr%E1fica&site=online&s=&sdd=&sdm=&sdly=&cedd=&edm=&edy=&src=redacao>

<http://blogdojorge.com.br/?p=88>

entre *sigla* e *sigloide*; e (b) assinale o volume em que surgem na atualidade; apesar disso, siglas e sigloides praticamente não fazem parte da coleta apresentada, restando apenas alguns casos como TPM, HIV, que voltam a ser grafados com ponto após cada letra (diferentemente do que está no AO). Chama a atenção que <AIDS>/<SIDA>, por exemplo, não sejam tratados nessa lista, mas no corpo do *Vocabulário*. Ou que formas comuns em todos os jornais brasileiros, caso de <PCC>, por exemplo, seja apenas <P.C.C.>, abreviatura para “por cópia conforme”, sem que se mencione a facção criminosa *Primeiro Comando da Capital*.

No que se segue comentam-se o sistema ortográfico refletido no VOLP, os efeitos da retirada de acentos, tremas e hífen na obra e, por fim, o próprio elenco do VOLP. Emprega-se aqui a convenção de representar a forma ortográfica entre dois antilambdas, assim < >, e sons da fala, representados pelos símbolos do *Alfabeto Fonético Internacional* (IPA), entre colchetes, assim, [ ].

### **O VOLP de 2009**

Esta nova edição chega às livrarias em meio à polêmica suscitada pela entrada em vigor do Acordo Ortográfico de 1990 (AO)<sup>2</sup>. Independentemente da queda de tremas e acentos, a leitura do VOLP leva aquele que o consulta a se perguntar se, afinal, o Português tem um sistema ortográfico próprio, seja no território de cada nação lusófona, seja no conjunto dessas nações, porque o que o VOLP evidencia é que a aplicação da Base I do AO transformou a grafia do Português em um híbrido.

Dotar uma língua de um sistema ortográfico é um passo importante no processo de sua padronização. Para o processo de codificação de uma língua será necessário, minimamente, estabelecer o inventário de símbolos a ser empregado, os sons que cada símbolo pode representar e as sequências permitidas. A padronização gráfica permite que um indivíduo alfabetizado tenha poucas dúvidas quanto a como deveria escrever (e ler) qualquer palavra de sua língua, mesmo aquelas com que se depara pela primeira vez, e não tenha dúvidas quanto a sequências que não podem ocorrer na sua língua. Também lhe é possível dividir em sílabas gráficas qualquer palavra de sua língua. A estabilidade das correlações letra-som possibilita formalizar as regras que um indivíduo alfabetizado emprega. Com a padronização estabelece-se, também, a grafia para cada palavra, que, em princípio, deveria ser única. Seria esta última a função do VOLP: estabelecer a grafia correta ou as grafias

corretas, uma vez que o AO não visa “*impor uma unificação ortográfica absoluta*” (AO, p. xxxiii) para as palavras em Português. O VOLP, porém, não parece ter tido tal meta.

Em princípio, o português não admite, por exemplo, uma sequência como <çiček>: <ç> não pode ser empregado em português em início absoluto de palavra, nem diante de <e> ou de <i>. Não é Português. É turco. Contudo, após a leitura do VOLP, não há como deixar de pensar que <çiček> poderia fazer parte do elenco de palavras escritas em Português com o aval da Academia.

A Base I, art. 1º do AO determina as 26 letras do alfabeto Português, e, ainda, <ç>, <rr>, <ss>, <ch>, <lh>, <nh>, <gu> e <qu> como os símbolos gráficos que o Português emprega. A leitura do VOLP demonstra *ad nauseam* outra realidade, como se verá a seguir.

Apesar de o Português há séculos ter convencionado ser <nh> a representação para a palato-alveolar [ɲ], o VOLP admite a representação de [ɲ] por <ñ>, como no espanhol. Assim, lá está <velardenita>, porque o termo tem como base o topônimo *Velardeña* (México). O mesmo argumento – o étimo ser topônimo ou antropônimo estrangeiro deveria, então, autorizar, por exemplo, *español*, *españolismo*. A ressalva dos acadêmicos que teceram o AO e que encerra a primeira Base – a saber, “[r]ecomenda-se que topônimos/topônimos de línguas estrangeiras se substituam, tanto quanto possível, por formas vernáculas” tornou-se letra morta no VOLP, ou a obra não teria dado aval ao registro de <kiribatiano>, <bikini>. Afinal, é o registro no VOLP, editado pela Academia, que torna possível dada forma.

A questão etimológica sustenta o aval para diversas sequências gráficas forasteiras em Português. Assim, a obra está repleta de consoantes duplas, como <ll>, <mm>, <nn>, <tt>, <zz>; de sequências como <mh>, <zh>, <mr>, <jr>, <ck>, <zl>, <cg>, <cqu>, <hr>, <hs>, <gw>, de <ss> não intervocálico e, até, de <szm>, de que se apresentam em (5) a seguir alguns exemplos:

- (5)
- <llallagualita>
  - <ammânia>
  - <jungermânia>
  - <huttoniano>
  - <mizzonítico>
  - <mhari>

<zhemchuzhnikovita>  
 <mho>  
 <mroscíta>  
 <utitavajrássana>  
 <duckeodendrácea>  
 <heazlewoodita>

<gincgoáceo>  
 <jacquemônia>  
 <chrenwertita>  
 <hsihutsunita>  
 <nyungwe>  
 <hasscária>  
 <szmikita>

Consoantes pré-nasalizadas, comuns em línguas bantu, mas inexistentes em Português, não foram também esquecidas:

(6)  
 <ndau>  
 <ndendo>  
 <ndomba>  
 <ndongo>  
 <njango>  
 <njilika>  
 <nkakana>  
 <nxila>

Também [tl] em início de palavra e [dl] em meio de palavra passam a ser sequências portuguesas:

(7)  
 <tlaco>  
 <tladiana>  
 <tlaspe>  
 <tlíptoco>

---

<sup>3</sup> Com [dl] no ataque da sílaba.

<adleriano><sup>3</sup>

Por fim, qualquer consoante pode ocupar o final absoluto de palavra: <baud>, <oidlag>, <ginseng>, <lablab>, <micmac>.

Tanta permissividade obriga a obra a avisar àquele que a consulta

Palavra	Transcrição fonética	Transcrição fonética
<gl>	[gl]	<gluim>, <gredelutibula>
<kh>	[kʰ]	<kharekha>, <khutukha>
<gl>, <ge>	[gl]	<glu>, <geum>, <gepa>, <geha>
<g>	[g]	<gukurekha>, <gudulakha>, <gidurekha>, <gegekha>, <gegepa>
<kh>	[kʰ]	<khutukha>, <gurekha>
<gl>, <gl>	[gl]	<glurekha>, <glurekha>, <glurekha>, <glurekha>
<kh>	[kʰ]	<khurekha>, <khurekha>, <gurekha>

Quadro 1: Exemplos de correlação letra-som importadas de outros sistemas

– de forma assistemática, é certo, que deve aplicar correlações letra-som importados de outros sistemas, propostos para outras línguas, como exemplificado no Quadro 1 a seguir. E, assim, geram-se dúvidas perante palavras pouco comuns: como ler, por exemplo, <antisseu> ou <autente>?

A estratégia, empregada em edições anteriores do VOLP, de representar como forma paralela preferencial à forma gráfica nativizada, indicando-a em itálico a seguir à entrada não preferencial, foi suprimida da presente edição, o que obriga aquele que o consulta a procurar prever as possibilidades diversas de grafia a fim de conferir se alguma delas foi adotada.

Cabe notar que a assistemática das decisões manifesta-se tanto no tocante ao registro de formas, como à adaptação ao Português. Tem-se, por exemplo, apenas <baiquieia>, sem o registro de <baikieia>, forma esperável a partir do nome de (*William Balfour*) *Baikie*. Por sua vez, a nativização de <berkheya> se deu como <berkeia>. Uma vez que foi proposta a retirada de <y> e a simplificação de <kh> em <k>, por que não a transformação de <kh> em <qu>? Outro exemplo: na edição de 1998 tinha-se <rammelsberguita>, suprimida em favor de <ramelsbergita> e de <ramelsbergite>. Mais uma vez, resta perguntar por que se simplifica a consoante dupla, mas não se adota <gu> em lugar de <g>. O mesmo para <shiguela>, forma preferencial na edição de 1998, suprimida em favor de <shigela>. Então, o que levou a Academia a considerá-la preferencial antes?

E, assim, a Base do AO que sustenta o uso de <k>, <y> e <w> em Português, passa a sustentar “quaisquer combinações gráficas ou sinais diacríticos não peculiares à nossa escrita” (AO, Base I, 3º). Até mesmo o trema, banido pelo AO, tem lugar em derivados de nomes próprios estrangeiros (Base XIV), como em <haüyna>, mas não mais com o valor com que fora empregado no Português. As possibilidades de pronúncia, oriundas das relações estabelecidas no interior de sistemas gráficos estrangeiros e variados, são geradoras de dúvidas “e empedimento aos que não sabem essas línguas donde ellas vierão”, como diria Fernão de Oliveira.<sup>4</sup>

Por outro lado, não há qualquer tentativa de se propor uma representação ortográfica portuguesa de sons raros, caso dos cliques, por exemplo. Assim, como incluir em um dicionário a referência a línguas africanas da família coisan (ou seria <khoisan>?) como **ha//om**, // **au//en**, em que as barras oblíquas representam o clique lateral alveolar? Por sua vez, em **xhosa**, denominação de outra língua africana, famosa em todo o mundo em razão da atuação política de Nelson Mandela, a sequência <xh> representa uma ejetiva velar. Ao se reproduzir essa grafia, proposta para representar o nome da língua em inglês, adota-se uma sequência até então inexistente em Português. Dificilmente não se levará o leitor relacionar <xh>, <x> e [+”], como em <xavante>, uma vez que o <h> afora os dígrafos, não deveria ser pronunciado.

Para aqueles com idade suficiente para se lembrarem do falecido Antônio Houaiss (1915-1999) e de sua luta contra os diacríticos no português, a memória da razão para retirá-los era que, segundo ele, os computadores não conseguiam escrever acentos – era o mundo pré-Windows, com processador *Word Star* e sistema operacional *DOS*. Afir-mava que nem latim, nem inglês os usavam; que o Português, caso os mantivesse, seria uma língua fadada à periferia no mundo<sup>5</sup>. Nem todos os diacríticos foram abolidos, mas a retirada de tremas e de acentos reflete na obra uma outra consequência do AO: há nesta edição uma grande quantidade de indicações quanto à abertura da vogal média e de que o <u> deverá ser lido.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Fernão. *Gramática da linguagem portuguesa*. Cap. xxiv, 1536.

<sup>5</sup> Referência a essa declaração ainda pode ser encontrada em:

<http://www.jornalopcao.com.br/index.asp?secao=Entrevistas&idjornal=195>

<http://www.andsol.org/cudze/opcao.html>

<http://74.125.47.132/search?q=cache:FbYN9VtpMf8J:www.correiodosmunicipios.com.br/Pagina568Print.htm+houaiss+acentos+computadores&cd=69&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

(8)

&lt;heroico&gt; (ó)

&lt;arigboia&gt; (ó)

&lt;áqueo&gt; (ü)

&lt;aquíparo&gt; (ü)

&lt;arguir&gt; (ü)

&lt;arguido&gt; (ü)

Isso é grave, porque um indivíduo alfabetizado não deveria ter de depender do conhecimento de cada palavra para saber pronunciá-la; no entanto, é esse quadro que emerge do VOLP. O VOLP evidencia que o AO estabeleceu um sistema ortográfico que pressupõe um leitor para quem não existem palavras novas. É preocupante, porque permite prever o aumento no insucesso escolar.

A necessidade de conhecimento de cada palavra da língua é ainda aumentada pela retirada de hífen. Tomem-se exemplos como <jã de la foice>, <irmão da opa>, <ai a sari>, <dixe me dixé me>. Um dos princípios da codificação de uma língua é a noção de palavra ortográfica, delimitada por separadores e/ou pontuação. A introdução de separadores no interior daquilo que seria uma palavra ortográfica, em lugar dos antes existentes hífen, cria a ilusão de mais de uma palavra. Chama a atenção, também, o que teria levado a distinguir graficamente “espécies botânicas e zoológicas” de compostos homônimos, estes sem hífen – que não se distinguem, por conseguinte, de uma sequência qualquer de palavras:

(9)

<bico-de-papagaio> ‘*espécie de planta*’<bico de papagaio> ‘*formação óssea*’<bico-de-pato> ‘*espécie de árvore*’<bico de pato> ‘*arado, pinça, boné*’

Por outro lado, compostos com raízes presas, sem hífen, criaram procissões alfabéticas, lidas sem os devidos acentos secundários, ao menos na primeira tentativa, igualando qualquer leitor a um recém-alfabetizado:

(10)

<cromozincotipogravado>  
 <dismorfosteopalinclástico>  
 <encefalomieloneuroplastia>

Não bastasse isso, o VOLP ultrapassa o AO e recomenda, por exemplo, <coabitar> (e <coabitação>, <coabitável>); <coerdar> (e <coerdade>, <coerdeiro>), retirando hífen que o AO recomenda (Base XVI, 1, a).

A noção de palavra leva ao último ponto aqui focalizado. Primeiramente, é intrigante o critério que leva cada edição do VOLP a incluir novas entradas e a retirar outras. Quando foi lançada a edição de 1998, a revista semanal *Veja*, de 16 de setembro desse ano publicava, na seção *Idioma*, uma diatribe contra essa segunda edição. Um dos aspectos focalizados dizia respeito ao critério para a introdução de novas palavras.

Assim, palavras nipônicas de uso corrente no Brasil como *sushi* e *sashimi*, devido à popularidade dos restaurantes japoneses espalhados pelo país, não foram incluídas na lista. Em vez destas, o rol da Academia incorporou vocábulos como *inro*, que quer dizer, pasmem, porta-remédio em japonês. Entre as palavras hebraicas introduzidas contam-se verbetes como *chanuká* [...], *chalá* [...], *chazan* [...], *gefíltfish* [...], *tzedaká* [...] e *shofar* [...].

Nem *inro*, nem *chanuká*, *chalá*, *chazan*, nenhuma das palavras arroladas no excerto anterior está na quinta edição do VOLP, nem mesmo entre aquelas listadas como palavras estrangeiras.

Grafias aceitas anteriormente também foram retiradas: <**sjoegrúvita**>, suprimida em favor de <**sioegrúvita**>; <**thjorsauíta**>, suprimida em favor de <**tiorsauíta**>, <**shiboleth**> em favor de <**xibolete**>. Sem qualquer intenção de fazer uma lista exaustiva, nenhuma das formas em (11), que estavam na edição de 1998, constam da quinta edição:

(11)

- **akaganeíta**
- **akatoveíta**
- **akdaláíta**
- **aksaíta**
- **aktashíta**
- **gymkhana**
- **petscheskita**

- **kigélia**
- **pakistani**
- **ricksha**
- **saka**
- **saktismo**
- **zykaíta**

A abrangência do vocabulário registrado também varia em acordo com o campo. Por exemplo, a coleta de nomes de minerais e de nomes populares de espécies botânicas e zoológicas parece ter sido minuciosa, mas o mesmo não se pode dizer de nomes de línguas.

A *Apresentação* não indica o uso de um *corpus* eletrônico, dos vários já existentes para o Português, em que a frequência de uma palavra é contabilizada em ocorrências por milhão. Em lugar disso, aponta-se o trabalho do grupo de lexicógrafos e a contribuição dos consulentes, no sítio da ABL (<http://www.academia.org.br/>). Assim, o VOLP parece ter tido por base recolhas aleatórias, o que se confirma na declaração de Antônio José Chediak, então coordenador de equipe de dez pessoas que elaborou o léxico do VOLP de 1998, de cerca de 347.000 entradas, na já citada reportagem de *Veja*:

Nossa equipe analisava cada caso, procurando ficar com os termos mais usados em dicionários, livros e meios de comunicação [...] Quando havia dúvida se a palavra era realmente frequente, conversávamos até chegar a um consenso.

Explica-se, assim, o caráter assistemático do conjunto apresentado.

No Brasil, a nova ortografia está em vigor. Com ou sem problemas, o VOLP passa a ser de consulta obrigatória.

## **Posfácio**

A quinta edição do VOLP foi seguida por grande quantidade de críticas desfavoráveis, que apontaram erros ortográficos em quantidade. A presente resenha já havia sido enviada aos editores quando a Academia Brasileira de Letras lançou as *Correções e Aditamentos do VOLP* em formato eletrônico. São seis páginas em formato pdf, disponíveis no sítio da ABL (<http://www.academia.org.br>). A primeira página apresenta essa errata. A segunda é essencialmente a correção de erros de revisão nas páginas iniciais que reproduzem o texto do AO. As demais páginas

corrigem formas no tocante a ordem das letras, hífen e acentos e, ainda, à classificação, como em (12); incluem ou excluem plurais, como em (13); incluem, excluem ou substituem formas, como em (14).

(12)

versão publicada

versão corrigida

**capa-manga** s.f.; *capas-mangas***capa-magna** s.f.; *capas-magnas***abhenry** (*hênri*) s.m.**ab-henry** s.m.**flor-de-lisado** adj.**flordelisado** adj.**abiúba** s.m.**abiüba** s.m.**chá de barriguinha** s.m.**chã de barriguinha** s.m.**bule** s.f.**bule** s.m.

(13)

**carmim-de-índigo** s.m.; pl. *carmins-de-índigo***carmim de índigo** s.m.**xixixi** s.m.**xi-xi-xi** s.m.; pl.*xi-xi-xis*

(14)

**cessar-fogo** s.m. 2n

excluir

**juncão** s.m

excluir

**bum-bum** s.m “som de tambor”incluir depois de **bumbum****bumbum** s.m. substituir por **bumbum** s.m. “nádega”; cf. *bum-bum*

Algumas das correções seriam desnecessárias em uma errata e poderiam esperar por uma reimpressão, como os casos em (15).

(15)

**feudo** adj. (*ú*) substituir por **feüdo** (*ú*) adj.**feiura** adj. (*ú*) substituir por **feüra** (*ú*) adj.

Causa estranheza a introdução da distinção entre **bestaria** (*ê*) e **bestaria** (*ê*). Isso porque, à exceção dos sufixos *-mente*, *-(z)inho* e *-íssimo*, a vogal tônica média aberta do termo derivante torna-se pretônica média fechada no derivado, a não ser em realizações dialetais. Se é para indicar as possibilidades de pronúncia em diferentes regiões da lusofonia, então toda a obra teria de ser revista.